Jack, o Matador de Gigantes

Joseph Jacobs

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

No reinado do bom rei Artur, vivia perto de Land's End, na Inglaterra, no condado da Cornualha, um lavrador que tinha um único filho chamado Jack. Era um rapaz desembaraçado, de espírito pronto e vivo, de modo que ninguém nem coisa alguma conseguia vencê-lo.

Naqueles dias, o Monte da Cornualha estava em poder de um enorme gigante chamado Cormoran. Tinha dezoito pés de altura e cerca de três jardas de cintura, um semblante feroz e terrível, e era o terror de todas as cidades e aldeias vizinhas. Vivia numa caverna no meio do Monte e, sempre que queria comida, atravessava a água a vau até a terra firme, onde se abastecia de tudo o que encontrasse pelo caminho. Quando ele se aproximava, todos fugiam de suas casas, enquanto ele se apoderava do gado, sem fazer caso de carregar meia dúzia de bois nas costas de uma só vez; quanto às ovelhas e aos porcos, amarrava-os em volta da cintura como um feixe de velas de sebo. Fazia isso havia muitos anos, de modo que toda a Cornualha estava desesperada.

Um dia, Jack estava por acaso na casa da câmara quando os magistrados se reuniam em conselho para tratar do Gigante. Perguntou: «Que recompensa será dada ao homem que matar Cormoran?» «O tesouro do gigante», disseram, «será a recompensa.» Disse Jack: «Então deixem que eu me encarregue disso.»

Assim, arranjou uma trompa, uma pá e uma picareta e foi para o Monte no começo de uma escura noite de inverno. Pôs-se a trabalhar e, antes da manhã, havia cavado uma cova de vinte e dois pés de profundidade e quase outro

tanto de largura, cobrindo-a com varas compridas e palha. Depois espalhou um pouco de terra por cima, de modo que parecia chão comum. Jack colocou-se então do outro lado da cova, o mais distante da morada do gigante, e, justamente ao romper do dia, levou a trompa à boca e soprou: Tantivy, Tantivy. O barulho despertou o gigante, que saiu correndo da caverna, gritando: «Patife incorrigível, vieste perturbar meu descanso? Pagarás caro por isso. Hei de ter minha satisfação, e será esta: vou te pegar inteiro e te assar na grelha para o meu desjejum.» Mal acabara de dizer isso, caiu na cova e fez tremer os próprios alicerces do Monte. «Ora, Gigante», disse Jack, «onde estás agora? Ora, por minha fé, agora caíste na prisão de Lob, onde certamente hei de te atormentar por tuas ameaças: que pensas agora de me assar na grelha para o teu desjejum? Nenhum outro alimento te serve senão o pobre Jack?» Depois de atormentar o gigante por algum tempo, deu-lhe uma pancada pesadíssima com a picareta bem no alto da cabeça e o matou ali mesmo.

Jack encheu então a cova de terra e foi revistar a caverna, onde encontrou um grande tesouro. Quando os magistrados souberam disso, declararam que dali em diante ele seria chamado

JACK, O MATADOR DE GIGANTES,

e lhe deram uma espada e um cinturão, no qual estavam bordadas estas palavras em letras de ouro:

«Eis o homem verdadeiramente valente da Cornualha,
Que matou o gigante Cormoran.»

A notícia da vitória de Jack logo se espalhou por todo o oeste da Inglaterra, de modo que outro gigante, chamado Blunderbore, ao saber dela, jurou vingar-se de Jack se algum dia o encontrasse. Esse gigante era senhor de um castelo

encantado situado no meio de um bosque solitário. Ora, cerca de quatro meses depois, Jack, passando perto daquele bosque em sua viagem ao País de Gales, sentiu-se cansado, sentou-se perto de uma fonte agradável e adormeceu profundamente. Enquanto dormia, o gigante, que vinha buscar água, o encontrou e, pelos versos escritos no cinturão, reconheceu nele o célebre Jack, o Matador de Gigantes. Sem mais demora, pôs Jack nos ombros e o levou para seu castelo. Ao passarem por uma moita, o farfalhar dos ramos despertou Jack, que ficou extraordinariamente espantado por se encontrar nas garras do gigante. Seu terror estava apenas começando, pois, ao entrar no castelo, viu o chão coberto de ossos humanos, e o gigante lhe disse que em breve os seus estariam entre eles. Depois disso, o gigante trancou o pobre Jack numa câmara imensa e o deixou ali enquanto ia buscar outro gigante, seu irmão, que vivia no mesmo bosque e poderia partilhar a refeição de carne de Jack.

Depois de esperar algum tempo, Jack foi à janela e avistou ao longe os dois gigantes vindo para o castelo. «Agora», disse Jack consigo, «minha morte ou minha libertação está próxima.» Havia umas cordas fortes num canto do aposento onde Jack estava; ele pegou duas e fez um nó corrediço forte na ponta. Enquanto os gigantes destrancavam o portão de ferro do castelo, lançou as cordas por cima da cabeça de cada um. Depois passou as outras pontas por uma viga e puxou com toda a força, estrangulando-os. Quando viu que estavam com o rosto negro, deslizou pela corda e, desembainhando a espada, matou os dois. Depois, pegando as chaves do gigante e abrindo os aposentos, encontrou três belas damas amarradas pelos cabelos, quase mortas de fome. «Queridas damas», disse Jack, «destruí esse monstro e seu irmão brutal e consegui a liberdade de vocês.» Dito isso, entregou-lhes as chaves e prosseguiu em sua viagem ao País de Gales.

Jack avançou pelo caminho, viajando o mais depressa que podia, mas se perdeu, foi surpreendido pela noite e não encontrou morada alguma até que,

chegando a um vale estreito, viu uma casa grande. Para conseguir abrigo, tomou coragem e bateu ao portão. Mas qual não foi sua surpresa quando apareceu um gigante monstruoso de duas cabeças! Contudo, não parecia tão impetuoso quanto os outros, pois era um gigante galês e agia por maldade oculta e secreta, sob a falsa aparência de amizade. Depois de contar ao gigante sua situação, Jack foi levado a um quarto de dormir, onde, no silêncio da noite, ouviu o anfitrião resmungando em outro aposento estas palavras:

«Embora aqui te hospedes comigo esta noite,
Não verás a luz da manhã:
Minha clava há de te esmagar os miolos de uma vez!»

«É isso que dizes?», falou Jack. «Parece uma de tuas artimanhas galesas, mas espero ser esperto o bastante para ti.» Então, saindo da cama, pôs nela um pedaço de lenha em seu lugar e se escondeu num canto do quarto. No silêncio da noite, entrou o gigante galês e deu vários golpes pesados na cama com sua clava, pensando ter quebrado todos os ossos debaixo da pele de Jack. Na manhã seguinte, Jack, rindo por dentro, agradeceu-lhe calorosamente a hospedagem daquela noite. «Como descansaste?», perguntou o gigante. «Não sentiste nada durante a noite?» «Não», disse Jack, «nada além de uma rata, que me deu duas ou três pancadas com o rabo.» Muito admirado com isso, o gigante levou Jack ao desjejum e lhe trouxe uma tigela contendo quatro galões de mingau. Não querendo que o gigante achasse que era demais para ele, Jack pôs um grande saco de couro debaixo do casaco folgado, de maneira que pudesse passar o mingau para dentro dele sem ser percebido. Depois, dizendo ao gigante que lhe mostraria um truque, Jack pegou uma faca, rasgou o saco e todo o mingau saiu. Então, dizendo: «Raios me estilhacem as unhas, eu posso fazer esse truque eu mesmo», o monstro pegou a faca e, rasgando a própria barriga, caiu morto.

Ora, aconteceu naqueles dias que o único filho do rei Artur pediu ao pai uma grande soma de dinheiro para ir buscar fortuna no principado do País de Gales, onde vivia uma bela dama possuída por sete espíritos malignos. O rei fez tudo para dissuadir o filho, mas em vão; por fim cedeu, e o príncipe partiu com dois cavalos, um carregado de dinheiro e o outro para ele montar. Depois de vários dias de viagem, chegou a uma cidade de mercado no País de Gales, onde viu uma enorme multidão reunida. O príncipe perguntou o motivo e lhe disseram que haviam prendido um cadáver por várias grandes somas de dinheiro que o falecido devia quando morreu. O príncipe respondeu que era uma lástima que os credores fossem tão cruéis e disse: «Vão enterrar o morto e que seus credores venham à minha hospedagem; lá suas dívidas serão pagas.» Vieram em tão grande número que, antes da noite, ele só tinha dois pence para si.

Jack, o Matador de Gigantes, que passava por ali, ficou tão impressionado com a generosidade do príncipe que desejou tornar-se seu criado. Acertado isso, na manhã seguinte partiram juntos. Quando saíam da cidade a cavalo, uma velha chamou o príncipe, dizendo: «Ele me devia dois pence havia sete anos; por favor, pague-me também, como aos outros.» O príncipe pôs a mão no bolso e deu à mulher tudo o que lhe restava, de modo que, depois da comida daquele dia, que custou o pouco que Jack tinha consigo, não havia entre os dois um único penny.

Quando o sol baixou, o filho do rei disse: «Jack, já que não temos dinheiro, onde poderemos passar esta noite?»

Mas Jack respondeu: «Amo, haveremos de nos arranjar, pois tenho um tio que mora a duas milhas daqui; é um gigante enorme e monstruoso de três cabeças; ele enfrenta quinhentos homens de armadura e os faz fugir diante dele.»

«Ai de nós!», disse o príncipe. «Que faremos lá? Ele certamente nos despedaçará numa só bocada. Ora, mal bastamos para encher um de seus dentes ocos!»

«Isso não importa», disse Jack. «Eu mesmo irei na frente e prepararei o caminho para o senhor; portanto, fique aqui e espere até eu voltar.» Jack partiu então a toda a velocidade e, chegando ao portão do castelo, bateu tão alto que fez ressoar os montes vizinhos. O gigante rugiu como um trovão: «Quem está aí?»

Jack respondeu: «Ninguém além de seu pobre primo Jack.»

Disse ele: «Que notícias traz meu pobre primo Jack?»

Jack respondeu: «Querido tio, notícias graves, Deus sabe!»

«Dize-me», falou o gigante, «que notícias graves podem chegar a mim? Sou um gigante de três cabeças, e, além disso, tu sabes que posso enfrentar quinhentos homens de armadura e fazê-los voar como palha ao vento.»

«Ah, mas», disse Jack, «vem aí o filho do rei com mil homens de armadura para te matar e destruir tudo o que tens!»

«Oh, primo Jack», disse o gigante, «essas são mesmo notícias graves! Vou imediatamente correr e me esconder; tu me trancarás, passarás o ferrolho e a tranca e guardarás as chaves até o príncipe ir embora.» Depois de prender o gigante em segurança, Jack foi buscar seu amo, e ambos se divertiram de coração enquanto o pobre gigante tremia numa abóbada debaixo da terra.

De manhã cedo, Jack forneceu a seu amo uma nova provisão de ouro e prata e o mandou prosseguir três milhas na viagem, distância suficiente para que o gigante quase não pudesse farejar o príncipe. Jack voltou então e soltou o

gigante da abóbada. Ele perguntou o que deveria lhe dar por ter poupado o castelo da destruição. «Ora», disse Jack, «não quero nada além do casaco e do gorro velhos, junto com a velha espada enferrujada e as chinelas que estão à cabeceira de sua cama.» Disse o gigante: «Não sabes o que pedes; são as coisas mais preciosas que tenho. O casaco te manterá invisível, o gorro te dirá tudo o que quiseres saber, a espada corta em dois tudo o que golpeias, e os sapatos são de extraordinária rapidez. Mas tu me foste muito prestativo; portanto, leva-os de todo o meu coração.» Jack agradeceu ao tio e partiu com eles. Logo alcançou seu amo e rapidamente chegaram à casa da dama que o príncipe procurava. Ao saber que ele era um pretendente, ela lhe preparou um esplêndido banquete. Terminada a refeição, disse-lhe que tinha uma tarefa para ele. Limpou a boca dele com um lenço, dizendo: «Deves me mostrar esse lenço amanhã de manhã, ou perderás a cabeça.» Com isso, guardou-o no seio. O príncipe foi para a cama muito triste, mas o gorro do conhecimento de Jack lhe informou como conseguir o lenço. No meio da noite, a dama chamou seu espírito familiar para levá-la a Lúcifer. Mas Jack vestiu seu casaco das trevas, calçou seus sapatos da rapidez e chegou lá tão depressa quanto ela. Quando entrou na morada do demônio, a dama lhe deu o lenço e ele o pôs numa prateleira, de onde Jack o tirou e o levou a seu amo. Este o mostrou à dama no dia seguinte e assim salvou a vida. Naquele dia, ela deu um beijo no príncipe e lhe disse que, na manhã seguinte, ele deveria lhe mostrar os lábios que ela beijara na noite passada, ou perderia a cabeça.

«Ah!», respondeu ele, «se não beijares outros além dos meus, mostrarei.»

«Isso não vem ao caso», disse ela. «Se não o fizeres, a morte será teu destino!»

À meia-noite, ela foi como antes e estava zangada com o demônio por ter deixado escapar o lenço. «Mas agora», disse ela, «vou vencer o filho do rei, pois beijarei a ti, e ele terá de me mostrar teus lábios.» E assim fez. Jack,

quando ela não estava por perto, cortou a cabeça de Lúcifer e a levou debaixo do casaco invisível a seu amo. Na manhã seguinte, o príncipe a puxou pelos chifres diante da dama. Isso quebrou o encantamento, o espírito maligno a deixou e ela apareceu em toda a sua beleza. Casaram-se na manhã seguinte e, pouco depois, foram à corte do rei Artur, onde Jack, por suas muitas grandes façanhas, foi nomeado um dos Cavaleiros da Távola Redonda.

Jack logo saiu de novo à procura de gigantes, mas ainda não cavalgara muito quando viu uma caverna. Perto da entrada, avistou um gigante sentado num bloco de madeira, com uma clava nodosa de ferro ao lado. Seus olhos esbugalhados eram como chamas de fogo, o semblante era terrível e feio, e as faces pareciam duas grandes mantas de toucinho; as cerdas da barba lembravam varetas de arame de ferro, e os cachos que lhe caíam pelos ombros musculosos eram como cobras enroscadas ou víboras sibilantes. Jack desmontou, vestiu o casaco das trevas, chegou bem perto do gigante e disse baixinho: «Oh! estás aí? Não demorará para que eu te agarre bem pela barba.» Durante todo esse tempo, o gigante não podia vê-lo por causa do casaco invisível. Jack chegou bem perto do monstro e desferiu um golpe de espada contra a cabeça dele, mas, errando a pontaria, cortou-lhe o nariz. O gigante rugiu como estrondos de trovão e começou a distribuir golpes com sua clava de ferro como um louco furioso. Mas Jack, correndo por trás, enterrou-lhe a espada nas costas até o punho, e ele caiu morto. Feito isso, Jack cortou a cabeça do gigante e a mandou, junto com a do irmão dele, ao rei Artur, por um carroceiro que contratou para esse fim.

Jack resolveu então entrar na caverna do gigante à procura de seu tesouro e, depois de passar por muitas voltas e curvas, chegou enfim a uma grande sala calçada de pedra de cantaria, em cuja extremidade havia um caldeirão fervente e, à direita, uma grande mesa à qual o gigante costumava jantar. Depois chegou a uma janela gradeada de ferro, pela qual olhou e viu um enorme

número de infelizes cativos. Ao vê-lo, gritaram: «Ai! moço, vieste ser um de nós nesta miserável toca?»

«Sim», disse Jack, «mas, por favor, digam-me o motivo de seu cativeiro.»

«Somos mantidos aqui», disse um deles, «até os gigantes terem vontade de se banquetear; então o mais gordo entre nós é abatido! E muitas vezes eles jantaram homens assassinados!»

«É mesmo?», disse Jack, e imediatamente destrancou o portão e os libertou. Todos se alegraram como condenados ao ver um perdão. Depois, revistando os cofres do gigante, repartiu igualmente entre eles o ouro e a prata e os levou a um castelo vizinho, onde todos se banquetearam e festejaram a libertação.

Mas, no meio de toda aquela alegria, um mensageiro trouxe a notícia de que certo Thunderdell, gigante de duas cabeças, ao saber da morte de seus parentes, viera dos vales do norte para se vingar de Jack e estava a uma milha do castelo, com o povo do campo fugindo diante dele como palha. Jack, porém, não se intimidou nem um pouco e disse: «Que venha! Tenho uma ferramenta para lhe palitar os dentes; e vocês, senhoras e senhores, saiam para o jardim e testemunharão a morte e a destruição desse gigante Thunderdell.»

O castelo ficava no meio de uma pequena ilha cercada por um fosso de trinta pés de profundidade e vinte de largura, sobre o qual havia uma ponte levadiça. Jack empregou homens para cortar a ponte dos dois lados, quase até o meio; depois, vestindo o casaco invisível, marchou contra o gigante com sua espada do gume afiado. Embora o gigante não pudesse ver Jack, farejou sua aproximação e gritou estas palavras:

«Fee, fi, fo, fum!
Sinto cheiro de sangue de um inglês!
Esteja ele vivo ou esteja morto,
Moerei seus ossos para fazer meu pão!»

«É isso que dizes?», disse Jack. «Então és mesmo um moleiro monstruoso.»

O gigante tornou a gritar: «És tu o patife que matou meus parentes? Então te rasgarei com meus dentes, sugarei teu sangue e moerei teus ossos até virarem pó.»

«Primeiro terás de me pegar», disse Jack. Tirou o casaco invisível, para que o gigante pudesse vê-lo, e, calçando os sapatos da rapidez, saiu correndo. O gigante o seguiu como um castelo ambulante, de modo que os próprios alicerces da terra pareciam tremer a cada passo.

Jack o fez correr por muito tempo, para que as senhoras e os senhores pudessem ver; por fim, para acabar com aquilo, atravessou ligeiramente a ponte levadiça, perseguido pelo gigante a toda a velocidade com sua clava. Ao chegar ao meio da ponte, o enorme peso do gigante a fez ceder, e ele caiu de cabeça na água, onde rolou e se revolveu como uma baleia. Jack, de pé à beira do fosso, ria dele o tempo todo; mas, embora o gigante espumasse ao ouvir suas zombarias e se atirasse de um lado para outro do fosso, não conseguia sair para se vingar. Por fim, Jack arranjou uma corda de carroça, lançou-a por cima das duas cabeças do gigante e o puxou para a margem com uma atrelagem de cavalos. Depois lhe cortou as duas cabeças com sua espada do gume afiado e as mandou ao rei Artur.

Depois de algum tempo de alegria e diversão, Jack se despediu dos cavaleiros e das damas e partiu para novas aventuras. Atravessou muitos bosques e chegou, por fim, ao pé de uma alta montanha. Ali, tarde da noite, encontrou

uma casa solitária e bateu à porta, que foi aberta por um homem idoso de cabeça branca como a neve. «Pai», disse Jack, «pode hospedar um viajante surpreendido pela noite e que perdeu o caminho?» «Sim», disse o velho, «seja muito bem-vindo à minha pobre cabana.» Jack entrou, sentaram-se juntos, e o velho começou a falar assim: «Filho, vejo pelo teu cinturão que és o grande vencedor de gigantes; e olha, meu filho, no alto desta montanha há um castelo encantado, guardado por um gigante chamado Galligantua. Com a ajuda de um velho feiticeiro, ele atrai por engano muitos cavaleiros e damas para o castelo, onde, por arte mágica, são transformados em diversas formas e figuras. Mas, acima de tudo, sofro por uma filha de duque, que eles buscaram no jardim do pai e levaram pelos ares num carro em chamas puxado por dragões de fogo; prenderam-na dentro do castelo e a transformaram numa corça branca. Embora muitos cavaleiros tenham tentado quebrar o encantamento e libertá-la, ninguém conseguiu, por causa de dois terríveis grifos postos junto ao portão do castelo, que destroem todos os que se aproximam. Mas tu, meu filho, podes passar por eles sem seres descoberto; nos portões do castelo encontrarás gravado em letras grandes como se pode quebrar o feitiço.» Jack apertou a mão do velho e prometeu que, pela manhã, arriscaria a vida para libertar a dama.

De manhã, Jack se levantou, vestiu o casaco invisível, pôs o gorro mágico, calçou os sapatos e se preparou para a luta. Ao chegar ao alto da montanha, logo viu os dois grifos de fogo, mas passou por eles sem medo, graças ao casaco invisível. Depois de deixá-los para trás, encontrou nos portões do castelo uma trombeta de ouro pendurada numa corrente de prata, sob a qual estavam gravados estes versos:

«Quem esta trombeta soprar,
Logo o gigante derrubará,
E quebrará sem demora o negro encantamento;
Assim todos estarão felizes.»

Mal Jack lera aquilo, soprou a trombeta, e o castelo tremeu até seus vastos alicerces. O gigante e o feiticeiro ficaram em horrível confusão, mordendo os polegares e arrancando os cabelos, pois sabiam que seu reinado perverso chegara ao fim. Quando o gigante se abaixou para pegar a clava, Jack lhe cortou a cabeça com um único golpe; então o feiticeiro, erguendo-se no ar, foi levado por um redemoinho. O encantamento se quebrou, e todos os senhores e damas que por tanto tempo haviam sido transformados em aves e animais voltaram às suas próprias formas, enquanto o castelo desaparecia numa nuvem de fumaça. Feito isso, a cabeça de Galligantua também foi levada, como de costume, à corte do rei Artur, aonde Jack chegou no dia seguinte com os cavaleiros e as damas libertados. Como recompensa por seus bons serviços, o rei convenceu o duque a dar a filha em casamento ao honrado Jack. Assim se casaram, e todo o reino se encheu de alegria com o casamento. Além disso, o rei deu a Jack um nobre castelo, com uma belíssima propriedade que lhe pertencia, onde ele e sua dama viveram com grande alegria e felicidade pelo resto de seus dias.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias
Tradução: Marcelo Castro Barbosa, assistido por IA
Produção: Bons Filhos Educação
https://verdadeirashistorias.com.br/contos/jack-o-matador-de-gigantes-joseph-jacobs